



## Denúncias não derrubam um governo, mobilizações sim!

Dia a dia nós temos acompanhado um escândalo atrás do outro no governo Bolsonaro. Denúncias de relação com milícia, o militar que é preso em tráfico internacional de drogas em um avião de uso do presidente e o vazamento de áudios dos investigadores da Lava Jato.

Glenn e o The Intercept têm feito jornalismo de denúncia dos melhores da nossa história recente. Conseguiram, além de chamar a atenção do público com as publicações a contagotas, que nos deixa aguardando mais notícias, ao disponibilizarem o material para que outros jornais publiquem, ganhar mais credibilidade.

A imagem de Moro, que era visto como “guardião da moral” foi abalada e seu governo continua perdendo popularidade e aceitação.

Mas, se por um lado, Bolsonaro tem a legitimidade de seu governo contestada, é preciso levar em conta que há uma massa insistente e fiel que o apoia cegamente. E principalmente é preciso observar algo mais grave: Bolsonaro está em queda, os valores conservadores que fizeram com que fosse eleito não estão!

O melhor termômetro que temos desse conservadorismo são as relações cotidianas, as denúncias que sofremos (mesmo de colegas de trabalho e estudantes), as falas de aprovação de preconceitos absurdos no ambiente familiar, além das mortes mais frequentes de LGBTs, negros e mulheres, que não estão descoladas da opressão de classe.

Nossa ação política de enfrentamento a esse governo também ganhou força nas ruas, mas ainda temos muito que avançar!

Os atos da Educação e a Greve Geral mostraram que mais do que a concentração dos atos em Brasília-DF, é possível e



necessário ramificar o movimento, interiorizar, periferizar e realizar ações em todo país que atinjam os empresários, que são a base de sustentação de governos conservadores. Ademais, é preciso firmar uma política de enfrentamento a esse governo.

**Enfrentar Bolsonaro e derrubar seu governo como nossa tarefa!**

Enquanto boa parte da esquerda ainda titubeia com receio de um próximo presidente mais conservador, a voz das ruas já ditou o tom e deixa claro que derrotar Bolsonaro é uma vitória, e que a correlação de forças muda caso sua queda venha da ação dos trabalhadores e não das disputas das classes dominantes.

Portanto, é necessário entender e manter as denúncias, elas são importantes e desgastam o governo. Mas elas por si só não são capazes de alterar a correlação de forças, não derrubaram sequer o Ministro Moro. Nossa luta, ao contrário, fez mais do que isso por diversas vezes na história.

No dia 12 de julho teremos mais uma ação importante de enfrentamento com o ato da Educação em Brasília-DF. É mais uma das ações de luta que estamos fazendo.

# A luta é antifascista, antiLGBTfobia e socialista!

O dia 28 de junho relembra a Rebelião de Stonewall, um dia em que lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais se colocaram em movimento contra a opressão imposta por um Estado a serviço da manutenção e da ampliação da opressão.

Stonewall era mais do que um bar, era um lugar de refúgio nos EUA, onde, como em vários outros países, a homossexualidade era considerada crime. Esse lugar que era um espaço para que lésbicas, gays, travestis e transexuais pudessem viver sua afetividade se transformou também num lugar de resistência e de luta.

Na noite de 28 de junho de 1969, a revolta contra a violência policial se colocou em movimento. As pessoas que frequentavam Stonewall enfrentaram a repressão do Estado em manifestações que se seguiram por vários dias em Nova York, reunindo multidões.

Esse dia foi muito representativo na luta contra homofobia, contra um Estado e um sistema que se aproveita da opressão para impor mais exploração contra o conjunto de nossa classe.

Desde então, vemos os frutos daquela luta. No Brasil, por exemplo, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu recentemente que a homofobia é crime. É um avanço, mas ainda temos muito a avançar nessa luta!

Bolsonaro já disse que prefere ter um filho morto a ter um filho homossexual e que turistas podem vir ao Brasil para fazer sexo com mulheres, mas que o país não pode se transformar num local de turismo gay.

O capital se aproveita dessa opressão para manter e aprofundar a desigualdade e também se aproveita da luta para mercantilizar as datas que marcam essa resistência. Contra isso é preciso que a luta avance cada vez mais para uma luta da classe trabalhadora!



Mulheres, negros e LGBTs que pertencem à classe trabalhadora são as principais vítimas da violência do capital e seu Estado. São as mulheres, os negros e os LGBTs pobres e trabalhadores que mais sofrem com a violência estatal nas ruas, são esses segmentos sociais que recebem os menores salários e que mais sofrem com a ausência de políticas públicas que protejam suas saúdes e suas vidas.

A luta contra a homofobia deve ser uma luta da nossa classe. Lutar pelo fim do preconceito é uma luta daqueles que são explorados e oprimidos no dia a dia na sociedade do capital.

Lutar contra o que foi imposto por uma sociedade dividida em classes, que tenta impor como aberração o afeto de seres humanos do mesmo sexo, é lutar pela plenitude do ser.

É assim que vamos contribuir para uma outra e nova sociedade, onde o fruto do trabalho será socializado por quem produz, onde o afeto não seja crime e onde possamos não somente sobreviver, mas desfrutar a vida!

# Sindicato precisa ter solidariedade de classe

No contexto atual, em que os ataques à classe trabalhadora são cada vez mais frequentes, precisamos ter um sindicato forte para atuar e solidário para acolher os companheiros nas diferentes demandas.

Infelizmente nosso sindicato, por diversas vezes, não tem sido um bom espaço de acolhimento. Isso tem se refletido nas PLENAs, nos textos, nas posturas de dirigentes etc. Onde há uma solidariedade parcial, seletiva ou onde companheiros não se sentem acolhidos ao relatar seus casos, não há solidariedade de classe.

Por isso é preciso atuar e dar visibilidade aos responsáveis exemplos de ação de solidariedade de classe para que possamos, enquanto categoria, refletir nossas práticas e entendimentos sobre o tema.

Nossa história enquanto trabalhadores é marcada pela solidariedade de classe. Nossa classe precisa da solidariedade para sua sobrevivência. Isso ocorre cotidianamente.

Quando fazemos ações solidárias de forma consciente por ações políticas para defender companheiros que estão sob ataque, exercemos solidariedade não só como indivíduos, mas como organização, como sindicato e como classe.

Nossa classe é, por essência, solidária. Nosso sindicato também precisa aprender a ser!

## Carvão para Mike Bertolt Brecht

Soube que em Ohio  
No início deste século  
Uma mulher vivia em Bidwell  
Mary McCoy, viúva de um ferroviário  
De nome Mike McCoy, na pobreza.

Toda noite, porém, os guarda-freios lançavam  
Dos tropejantes vagões da Wheeling Railroad  
Por sobre a cerca, um saco de carvão no canteiro de batatas  
Gritando apressados, com voz rouca:  
Para Mike!

E toda noite, quando o saco de carvão para Mike  
Batia na parede traseira do casebre  
A velha levantava-se, cobria-se  
Bêbada de sono, com o vestido, e escondia o saco de carvão  
Presente dos guarda-freios a Mike, que estava morto  
Mas não esquecido.

E ela levantava-se tão antes da aurora e escondia  
O presente da vista do mundo, para que  
Os guarda-freios não tivessem problemas  
Com a Wheeling Railroad.

Este poema é dedicado aos camaradas  
Do guarda-freios Mike McCoy  
(Que morreu de fraqueza dos pulmões  
Nos trens de carvão de Ohio)  
Pela camaradagem.

## Expediente

Esta é uma publicação do SINASEFE. É autorizada a reprodução total ou parcial do conteúdo, desde que citada a fonte.

Textos escritos por Camila Marques (coordenação geral)

Diretores de Comunicação: Lucrécia Iacovino e Michel Torres

Edição e revisão: Mário Júnior (MTE-AL 1374)

Design Gráfico: Flávia Destri Garcia

Contatos: [dn@sinasefe.org.br](mailto:dn@sinasefe.org.br) e [imprensa@sinasefe.org.br](mailto:imprensa@sinasefe.org.br)

Acesse nosso site: [www.sinasefe.org.br](http://www.sinasefe.org.br)



## Filiado à

